

PAPO DE ANJO

Aceita-me e acolhe-me
se pouca que sou
me quero dar.
Acalma teu olhos inquietos
e deixe-me contemplá-lo.
Quero receber de ti
lascas da carne que te ofereço.
Guarda tua mão sobre meu corpo
para que teu calor penetre fundo
e envolva quente
meu sangue frio.
Sê homem cansado e triste
e aceita prá te acariciar
mãos trêmulas e frias
e deita entre meus seios
pobres e planos
que urgem-me te cobrir de calor.
Deixa-me te dar
mesmo pouco e fugaz
o líquido amor que me preenche
o magro corpo que me envolve.

QUINTAL

Quando o dia se levantou
você despiu tua veste de príncipe.
Eu estava cansada
e de camisola.
Você passou horas
procurando um pombo no jardim
e deu de comer aos gatos.

Pensei numa prima triste em Amsterd.
Lavei a lixeira e o lençol.
Foi quando teus pés nus e sujos
foram plantar novas mudas no cantei:

JANELA

Que bonita a janela
assim inteira aberta.
Hoje não foi dia do hábito
de manter meia veneziana
descida
escurecendo meia sala
escondendo meia tarde
anoitecendo.
Foi dia de ver
o que a janela mostra inteira.
Três vasos
sob assim um monte de outras janelas
espalhadas
meio esquecidas
meio dependuradas
perdidas.

CLAUSURA

Só eu sei
o amargo do gemido
o profundo da falta,
a dúbia aurora.

Essa dor vou
cuidá-la em segredo.
Será só minha
recém nascida.

HISTÓRIA (ENTRADAS E BANDEIRAS)

Botina, cinturão, cantil,
chicote, soldado e brio.
Capitania do vento-
-meu pau brasil.

Sobretudo
hã a quina,
a ponta de terra,
mais que restinga.
Dobrar o cabo,
percorrer a península,
conquistada a ilha.

Nossas fronteiras.
É cultivar a sesmaria
é pastar a vaca fria.

VINGANÇA

Piso branda os degraus
e dispo a combinação,
Hoje ainda purgo.
Destilarei a raiva
o fel
o veneno.
Dou-te a boca. Desvendo.
Você me olha assombrado.
Nua e crua
tranço nas tuas pernas a vergonha.

BAR

Bebo
pois me dói
essa ausência de iguais
à minha volta.

VIRGINAL

Meu amor tem me mantido
regularmente insatisfeita.
Hã anos que tenho um ardor
que não seca
não passa
não desaperta.
Dizem que não dói
e não compensa.
Só eu sei o quanto arde.

RETRATO

Você
percorre a espinha com o nó
dos dedos.
Pressiona-me firme os quadris.
Não cospe.
Não lambe.
(Uivasse)
Apenas destila
gota a gota
teu gozo sobre a cama.

A QUESTÃO

Dissemos adeus
entre tapas.
Me disse bruxa tirana.
Lhe disse frouxo pasmaceiro.

Mostrou-me a bunda.
Mostrei-lhe o pênis.
Lambemo-nos longamente os beijos.

também já fui égua de dorso gordo. Linda. Sacudia a grande massa de músculos a cada passo. O pelo negro cintilava com tremores curtos, sempre certos. Gostava do ritmo do galope. Dava prazer. Costumava portanto descer a montanha em disparada até o vale, com a estreita ponte onde ouvia o meu paquetã de cascos.

Gostava também de olhar a lua. A órbita do meu olho úmido fotografava o branco no escuro.

(A lua penetra a égua e a égua corre no raio até o alto. Pronto. Tá no satélite.)

Havia a outra travessura: a de andar sobre a água. A mancha de luar densa, trêmula de morder por pedaços era um palco, era a pista.

Que gozo vê-la rompida! Escapava aquele líquido cremoso, frio, adocicado. Eu nunca caía; nos momentos de corte eu mesma operava a cirurgia.

Até que veio outro tempo da estória. Por força de caber voltei a usar talher e sapato, a dormir em cama. Tentava coisas em Português, claro que ninguém entendia.

Não. Não é fácil ter o tamanho da baía. Era o meu pé pata, tinha pelos no nariz e sobre as mãos. Galopava tropeçando. Esbarrava sim, esbarrava muitíssimo. Eram coisas, pedras, quinas. Ou eram vergonhas, piedades, curiosos. Topava em tudo, sempre errada. Costumava me assustar com o assombro que eu via.

Fui bebendo água em copo. Meu dorso foi ficando branco e o pescoço afinou. À noite relinchava em outra língua, correndo pelos gramados do sono. Voltava atrás. Dormia com o paquetã das ondas sob a ponte. Estendia os ramos de luar que escolhera.

Ficava linda a praia do jeito que eu punha.